

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

OS NOVOS USOS DO ESPAÇO URBANO PERIFÉRICO: O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO URBANA EM QUEIMADOS-RJ

Marcelo Loura de Morais¹

RESUMO

Este artigo analisa como a chegada de investimentos industriais na periferia da região metropolitana – uma região historicamente desvalorizada – impacta na produção do espaço urbano e, através do recorte estabelecido (o município de Queimados-RJ), entender o processo de reestruturação urbana em curso na periferia metropolitana, que transforma antigas cidades-dormitórios em “lugares de trabalho e de consumo”.

Palavras-chave: Baixada Fluminense, reestruturação urbana, periferia metropolitana.

ABSTRACT

This article examines how the arrival of industrial investments in the periphery of the metropolitan area – a historically undervalued region – impacts the production of urban space and, through the established region – (the city of Queimados-RJ), understand the process of urban restructuring in metropolitan periphery, which transforms old “dormitory towns” in “places of work and consumption”.

Keywords: Baixada Fluminense, urban restructuring, metropolitan periphery.

¹ Mestrando em geografia (área de concentração: organização e gestão do território) pelo PPGG/UFRJ, Bolsista CAPES – (Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior)

INTRODUÇÃO

“Toda essa gente que vai morar para as bandas de Maxambomba² e adjacências só é levada a isso pela relativa modicidade do aluguel de casa. Aquela zona não lhes oferece outra vantagem (...) Não há água (...) Não há esgotos, não há médicos, não há farmácias. O viajante que se detém a olhar um pouco aqueles campos de intrincados carrascais, onde pasta um gado magro e ossudo fica constrangido e triste.”

Lima Barreto – Clara dos Anjos

O século XX foi considerado para a Baixada Fluminense o “século da descentralização da indústria e da população pobre” (SIMÕES, 2006, p. 82). É justamente neste período que a periferia do Rio de Janeiro foi incorporada à célula urbana carioca, exercendo fundamentalmente a função de local de moradia da classe trabalhadora (ABREU, 2013).

A construção da Estrada de Cerro Central do Brasil (EFCB), na época conhecida por Estrada de Ferro Dom Pedro II, em 1858, e sua posterior eletrificação e estabelecimento de uma tarifa com valor único a partir de 1935 representa para a Baixada Fluminense a transição de uma paisagem agrária, pouco povoada, e afligida por enchentes e surtos de febre amarela (CORRÊA, 1963), para cidades povoadas a partir de loteamentos populares, nas quais os trabalhadores do Rio de Janeiro residiam, despendendo longas horas diariamente no trajeto casa-trabalho. Essa característica particular irá caracterizar essas localidades como “cidades-dormitório” (GEIGER, SANTOS, 1954; LAGO, 2007).

A chegada posterior da indústria na Baixada Fluminense alterou a estrutura espacial e transformou estas “cidades dormitórios” em localidades economicamente dinâmicas, alguns centros regionais se consolidaram, como Nova Iguaçu (polo

² Vila de Maxambomba era o nome utilizado para se referir ao município hoje conhecido como Nova Iguaçu

terciário) e a Duque de Caxias (polo petroquímico). (OLIVEIRA, RODRIGUES, 2009; SIMÕES, 2006). Outros municípios menores, recém-emancipados, aumentaram sua importância na produção industrial do estado do Rio de Janeiro. O espaço geográfico da Baixada foi transformado profundamente, e observamos que a “cidade perfume” dos laranjais de outrora, pertence atualmente a um distante e saudoso passado³ (HENRIQUE e COSTA, 2014).

Escolhemos Queimados como recorte geográfico, com a finalidade de compreender com maior clareza estes processos em curso. Este município, emancipado em 1991, localizado a aproximadamente 70 km de distância da capital, possui porte mediano, com uma população estimada 143.632 habitantes e uma extensão territorial de 75.695 Km² (IBGE CIDADES), e se transformou em uma “cidade-modelo” elogiada por órgãos representativos da classe industrial, como a FIRJAN, e pela “mídia especializada”, e foi transformada no símbolo da “Nova Baixada”. O município, que ao se emancipar enfrentava dificuldades orçamentárias e contava com apenas oito secretarias (HENRIQUE e COSTA, 2014, p. 27), atualmente tem um orçamento anual de 450 milhões de reais⁴.

Essas transformações geram uma profunda recontextualização do espaço urbano. A cidade caracterizada historicamente como uma “periferia marginalizada”, carente de infraestrutura e que comumente apresentou uma relativa “homogeneização social por baixo”, com um elevado fluxo de migração pendular, se transformou. Avaliar tais modificações é o objetivo central deste artigo.

A CHEGADA DOS INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS

Na década de 1990 o processo de inserção competitiva do território brasileiro na economia globalizada se intensificou, a Baixada Fluminense, neste período, passou

³ No último censo do IBGE (2010) Queimados foi classificada como uma localidade 100% urbana, e segundo o levantamento do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) havia somente três estabelecimentos agropecuários cadastrados empregando 17 pessoas no período de 2008 a 2015, enquanto que no mesmo período 4970 pessoas foram admitidas no setor industrial.

⁴ Informação oferecida pelo prefeito em entrevista concedida ao Jornal Extra dia 25 de novembro de 2015 “Edição Especial” 25 anos da emancipação.

por significativas modificações em sua rede logística e de transporte – a duplicação da Rodovia RJ-109 e construção do Arco Metropolitano – (PEREIRA, 2013), e a inauguração da primeira etapa da Linha Vermelha [facilitando a ligação rodoviária “Baixada-Rio”] foram os principais exemplos. (ENNE, 2013)

Aconteceram seguidas emancipações e reestruturações dos poderes políticos locais em busca de mais recursos e autonomia (SIMÕES, 2006): – [Queimados, 1991; Japeri, 1991; Belford Roxo, 1993; Seropédica, 1995; Mesquita, 2000] –, e houve o surgimento de novas bases produtivas e novos empreendimentos, além da reativação de alguns complexos industriais previamente estabelecidos (REDUC e Fábrica Nacional de Motores – Duque de Caxias; Bayer e seu complexo químico-farmacêutico – Belford Roxo; a revitalização e reestruturação do porto de Sepetiba-Itaguaí) (OLIVEIRA, ROCHA, 2010; 2013).

Segundo (Rocha e Oliveira, 2010, p.8), esta nova funcionalidade da região, corresponde à “própria demanda da produção industrial por mais espaços e a um menor custo que fosse viável a sua instalação, o que levará a incorporar os espaços próximos da metrópole.”. Dessa forma, a Baixada⁵ pode ser definida como um “distante que é perto”, ou seja, uma localidade longe o suficiente das aglomerações urbanas que geram deseconomias externas, mas ainda perto o suficiente de dois grandes mercados consumidores: (Grande Rio e a Grande São Paulo).

Oliveira (2009, p. 8) afirma que vêm acontecendo “mudanças no ordenamento territorial do Rio de Janeiro” e que “essas mudanças se manifestam, em primeiro lugar, por meio do estabelecimento de novas centralidades urbanas, integrando os espaços antes tidos como periféricos”, ou seja, na metrópole carioca, que foi historicamente conhecida por polarizar toda a economia fluminense e concentrar significativamente a oferta de empregos e serviços, o dito “núcleo hipertrofiado”, por Abreu (2013, p. 17), observou-se acontecer um incipiente processo de descentralização produtiva, aumentando a importância relativa de núcleos urbanos outrora secundários.

⁵ Nos utilizamos, neste trabalho, da concepção de “Baixada Reduzida”, definida por Simões (2006), que compreende os municípios originados da fragmentação da cidade de Nova Iguaçu: Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e São João do Meriti.

Oliveira e Rodrigues (2009) confirmam a potencialidade logística da região para ascender na geografia econômica fluminense:

A região (Baixada), como visto, possui papel decisivo na economia do Rio de Janeiro e será fortemente afetada nos próximos anos por um conjunto de projetos de infraestrutura que consolidarão mudanças na estrutura produtiva do estado, tais como a expansão do porto de Sepetiba, a instalação de novas siderúrgicas em Santa Cruz e Itaguaí, o complexo gás-químico de Duque de Caxias e o próprio anel rodoviário que reestruturará integralmente o processo de circulação de pessoas e bens (OLIVEIRA, RODRIGUES, 2009, p. 137).

A região possui, portanto, um “papel decisivo na economia do Rio de Janeiro”, sua localização privilegiada e a disponibilidade de amplos terrenos nas margens da rodovia atraem investimentos industriais que remodelam a estrutura produtiva, reestruturando o processo de circulação de pessoas e bens.

Silva (2012, p. 126) ao realizar um levantamento dos investimentos produtivos industriais no estado do Rio de Janeiro constata que o fortalecimento da Baixada Fluminense no cenário nacional decorre de um certo “espraçamento do crescimento industrial em direção a regiões que apresentem menores custos metropolitanos e proximidade com centros consumidores” (ibid), e que nesta região a centralidade dos investimentos têm se mantido em Duque de Caxias e Queimados sendo que a abertura das novas plantas fabris são de setores como o metalúrgico, químico e farmacêutico principalmente. Na Tabela a seguir, nota-se como é significativa a quantidade de investimentos industriais nesta região em um período mais recente.

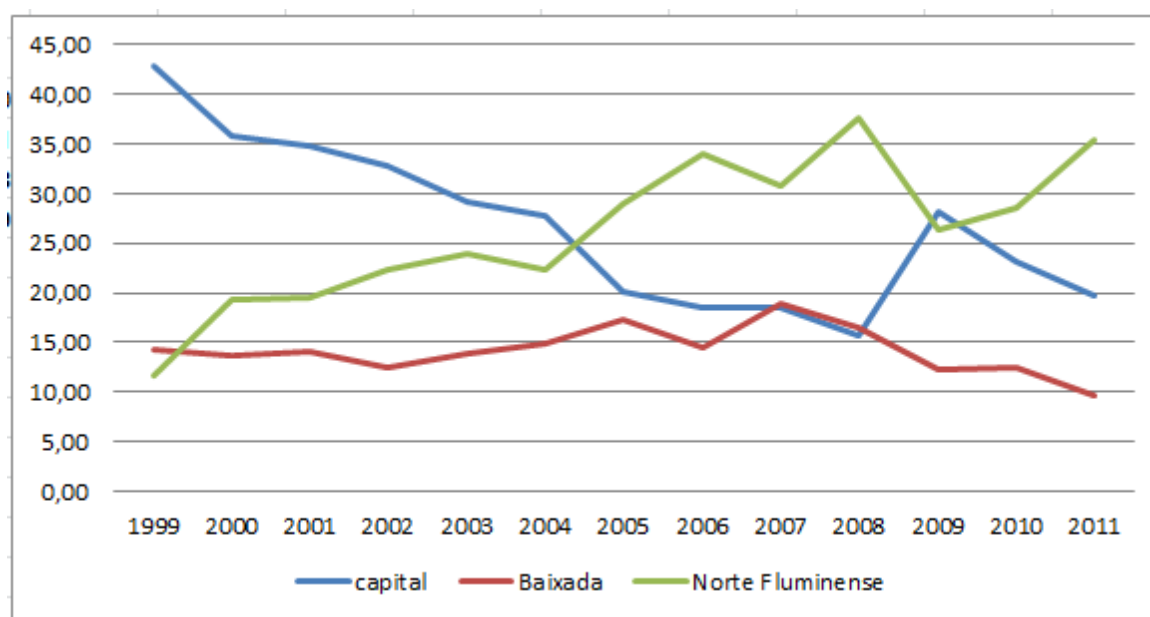
Tabela 1. Investimentos industriais em Queimados e Duque de Caxias no período 1996- 2006.

Localidade das Empresas:	Nº de empresas	Total de Investimentos:	Empregos Gerados
Duque de Caxias	25	1.580.749	5.089
Queimados	18	210.039	1.494
TOTAL	43	1.790.788	6.583

Fonte: Org. própria. Adaptado de (SILVA, 2012. anexos).

Essa atratividade exercida pela zona periférica redefine a economia fluminense descentralizando a produção industrial. No gráfico a seguir observa-se a participação percentual no PIB industrial do estado e é possível notar essa tendência, onde a cidade do Rio de Janeiro perde importância e a Baixada ganha importância em termos comparativos (Gráfico 1.):

GRÁFICO 1. Participação (%) no PIB industrial do estado do Rio de Janeiro – Região Metropolitana, cidade do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense



*RM: Região Metropolitana

Fonte: Anuário Estatístico 2013, Fundação Ceperj. (Org. própria)

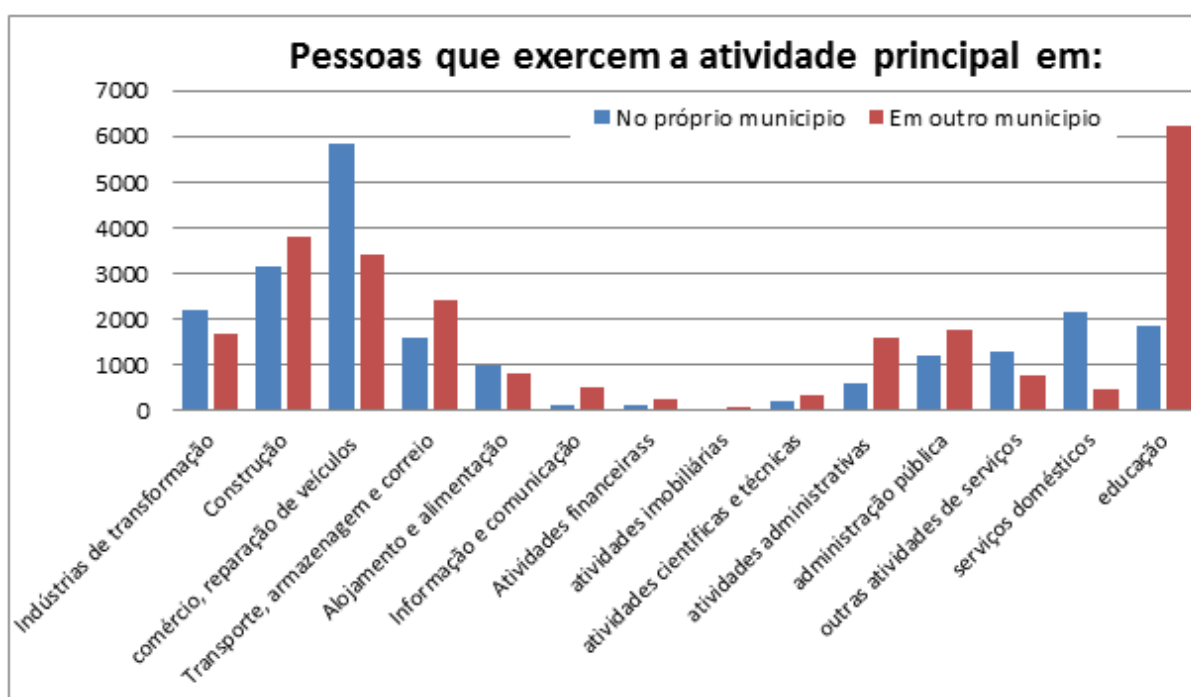
A perda de participação da Região metropolitana na composição total do PIB estadual se dá principalmente devido ao aumento da importância do complexo petrolífero instalado no norte-fluminense, e a diminuição da participação da cidade do Rio de Janeiro no PIB industrial se deve justamente aos fatores de repulsão das áreas centrais e suas deseconomias externas. (Corrêa, 1989).

A mudança no papel da Baixada Fluminense na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) é consequência direta da instalação destes estabelecimentos. Estas indústrias são verdadeiros agentes indutores de centralidade nesta região. Há, portanto, o início de um processo que se concretiza de fato a partir da década de 1990: a transformação das cidades-dormitório em “local de trabalho” (PAGANOTO; BECKER, 2012)

A TRANSFORMAÇÃO DA “CIDADE DORMITÓRIO” EM “LUGAR DO TRABALHO”...

Desde sua emancipação, uma das principais preocupações das administrações municipais foi superar o estigma de ‘cidade dormitório’ (HENRIQUE e COSTA 2014). Criar oportunidades de trabalho e gerar uma sinergia local era a principal demanda da população local na luta pela emancipação. No último censo demográfico do IBGE realizado em 2010 – vinte anos após a emancipação –, os dados sobre migração pendular revelaram que 53% da população queimadense trabalhava em outro município. Aparentemente este número poderia demonstrar certa estagnação, já que mais da metade da população economicamente ativa necessitava sair diariamente em busca de ocupação. Contudo, quando detalhamos os dados de deslocamento separando-os por ocupação, percebemos algumas tendências interessantes, vide o gráfico a seguir:

Gráfico 2. Queimados (RJ): Número de pessoas que trabalham no próprio município ou em outro município



Fonte: IBGE, 2010. (Organização própria)

Em alguns setores, como na indústria da transformação e no comércio, o número de pessoas que trabalha no próprio município é maior, e em praticamente todos os outros setores a diferença é pequena. O único setor em que realmente existe uma grande diferença entre as duas variáveis é o da educação, o que se explica pelo *deficit* histórico de presença de unidades escolares no município.⁶

Levando-se em conta estes números, não é possível mais sustentar a tese de cidades-dormitório. Logicamente que Nova Iguaçu⁷ e a capital carioca ainda exercem substancial influência na cidade, contudo, a capacidade destes investimentos industriais em gerar ofertas de trabalho fez diminuir o fluxo cotidiano 'Baixada-Rio-Baixada'. Se esta tendência se mantiver e se o número de ofertas de trabalho se ampliar, poderemos observar nos próximos anos uma inversão histórica com o número de ocupados no interior do município tornando-se majoritário. Seria definitivamente o esgotamento da categoria "cidade dormitório".

Comumente retratada como o lugar das ausências, a periferia, ou a "cidade ilegal" (Maricato, s/a), é o lugar dos loteamentos irregulares; estes locais, normalmente ocupados a partir da implantação de loteamentos pela iniciativa privada que buscando extrair o máximo de lucro não se preocupa com o "tamanho mínimo dos lotes, a largura mínima das vias, a incorporação de infraestruturas mínimas etc." (SPOSITO, 2004, p.283), foi caracterizado historicamente pela distância dos mercados de trabalho e pela homogeneidade social. Esta "periferia popular" dos loteamentos populares comumente se transformou na solução capitalista encontrada para a

⁶ No ano de 2005 existiam 1631 professores registrando trabalhando na rede pública de ensino (fundamental e médio), em 2012 este número se reduziu para 1555, (IBGE cidades, s/a). O IDHM de educação (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) da cidade era de 0,589 no ano de 2010, abaixo da média nacional que era 0,637.

⁷ Depois da cidade do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu é o município que mais recebe migrações pendulares na Baixada, sua área de influência é bem significativa: "*Nova Iguaçu, por sua vez, é o principal destino dos migrantes pendulares residentes em Queimados, Mesquita, Japeri, Nilópolis e Paracambi. O município de Nova Iguaçu tem considerável influência ainda sobre Belford Roxo, São João de Meriti e Seropédica, além de ser o terceiro principal destino dos deslocamentos pendulares originados no núcleo de metrópole*" (PAGANOTO, 2014, p. 67)

questão da moradia, já que os custos da habitação são “externalizados” através da autoconstrução.

Contudo já é possível falar em uma ressignificação da noção de periferia, principalmente quando olhamos para a Baixada e para Queimados. O número de empregos formais no período de 2007 a 2012 saltou de 10.148 para 26.209, um crescimento de 158%, o maior de toda a região metropolitana. (CEPERJ, 2013) Essas mudanças foram identificadas por Lago (2007), ao afirmar a periferia como “lugar de trabalho”, e que estes processos intensificam a heterogeneidade sócio-ocupacional dos moradores, criando uma classe ocupacional de padrão médio e médio-superior.

Furlanetto *et al.*, (1987, p. 37) ao analisar a evolução urbana de Nova Iguaçu na década de 1980 constata o surgimento de “bairros de classe média-alta com residências unifamiliares, ocupando bons e amplos terrenos com jardins, em ruas arborizadas e com boa pavimentação.” Em algumas localidades mais valorizadas do município, como veremos adiante, este processo está em seu início na cidade de Queimados.

E AGORA “LUGAR DO CONSUMO”: OS NOVOS USOS DO ESPAÇO URBANO PERIFÉRICO

A cidade é um espaço articulado e fragmentado, ao mesmo tempo reflexo e condicionante social, é o lugar onde as classes sociais vivem e se reproduzem (Corrêa, 1989, p. 11), ela é um produto social que emerge da prática social deliberada, (Soja, 1989, p. 102), uma “expressão concreta de cada conjunto histórico no qual uma sociedade se especifica” (Castells, 1983, p. 146).

Sposito (2004, p. 311) define ‘estrutura urbana’ como “a forma como se encontram dispostos e se articulam os usos do solo, num dado momento do contínuo processo de estruturação dos espaços da cidade”, ou seja, a “forma como está organizado o espaço de uma cidade”. Contudo, é preciso levar em conta que este espaço está sempre sofrendo constantes transformações, se desestruturando e se estruturando continuamente em “um processo contínuo, múltiplo e contraditório”.

Por isso a presença do sufixo – ‘ação’ – no termo estrutura compondo a “estruturação do espaço urbano” (ibid).

A expressão reestruturação, contudo, faz referência a um processo mais profundo, “um conjunto de mudanças que orienta os processos de estruturação urbana das cidades”, (ibid), uma “ruptura nas tendências seculares e de uma mudança em direção a uma ordem e configuração significativamente diferentes” (SOJA, 1988, p. 193). Sendo que “cada momento econômico gera uma expressiva recontextualização da espacialidade da vida social” (ibid, p.210).

O processo de industrialização da Baixada Fluminense e o novo momento econômico da região produz novas espacialidades que rompem com a estrutura tradicionalmente atribuída à periferia, em que “o crescimento em larga escala de áreas industriais, comerciais e de serviços que geraram empregos e consequentemente, áreas residenciais diferenciadas que produzem uma “heterogeneização da periferia” (Furlanetto *et al.*, 1987, p. 31).

Em uma comparação entre os censos demográficos de 2000 e 2010 (vide a tabela a seguir), é possível perceber essa tendência a uma transformação no perfil sócio-ocupacional.

Tabela 2. Queimados (RJ). Domicílios particulares por faixas de renda⁸

Domicílios particulares permanentes					
Ano	Total	Classes de salário mínimo (%)			
		Até 1	De 1 a 2	De 2 a 3	Mais de 3
2000	33 352	53,9	27,6	8,8	9,7
Ano	Total	Até 1	De 1 a 2	De 2 a 5	mais de 5
2010	42230	22	26	39	13

Fonte: Censo demográfico do IBGE (2000 e 2010)

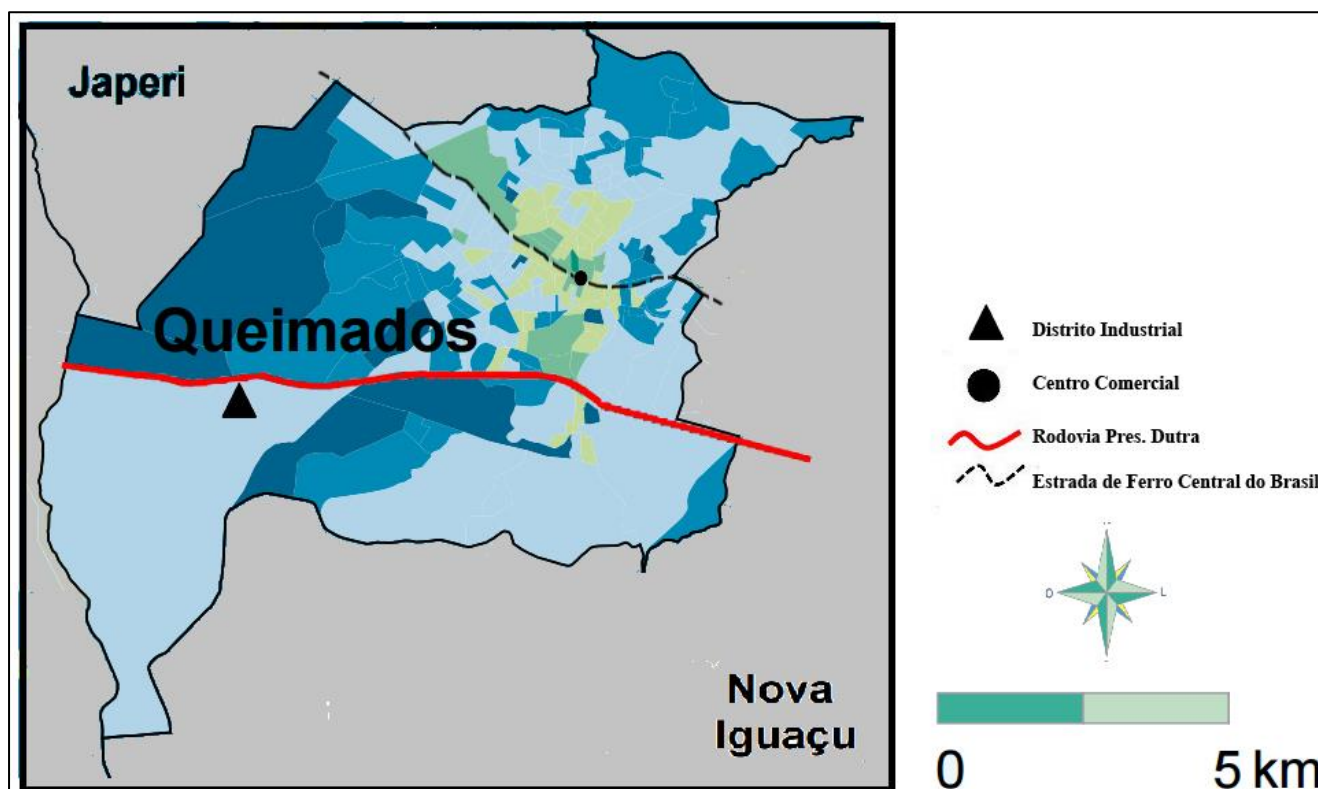
Nota-se um crescimento significativo na classe de dois a cinco salários mínimos, e uma presença significativa (13%) de domicílios com mais de cinco salários mínimos, este processo de elevação da “renda média” fica mais evidente ao

⁸ A diferenças de classes (2 a 3) (mais de 3) em um ano e (2 a 5) (mais de 5) em outro ano se devem a diferenças relacionadas à amostra de dados disponibilizadas pelo IBGE

compararmos o município com os demais da Baixada, como poderemos observar no mapa a seguir que apresenta as faixas de rendimento médio mensal em nosso recorte espacial investigado:

A chegada das indústrias e a ampliação do mercado de trabalho local representaram, portanto a criação de uma camada com maior poder aquisitivo e maior poder de consumo, a cidade se tornou mais atrativa para investimentos imobiliários, comerciais e houve uma qualificação na oferta de serviços, reforçando uma relativa centralidade do município.

A concentração dessa “classe de maior poder aquisitivo” se dá preferencialmente próximo ao centro urbano. Essa proximidade garante aos seus moradores o acesso privilegiado à infraestrutura que o núcleo passa a possuir, como podemos observar no mapa a seguir (figura 1.), organizado a partir dos setores censitários do IBGE:



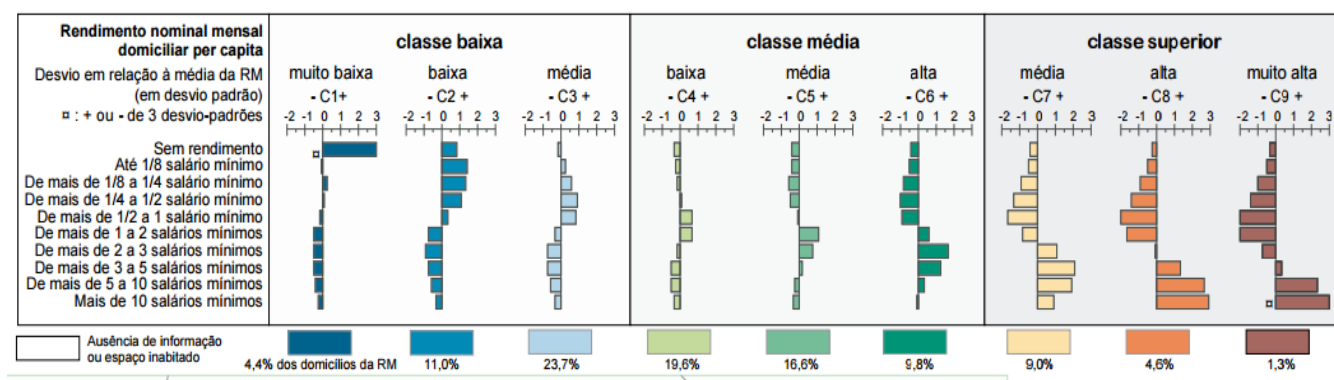


Figura 1. Rendimento mensal domiciliar *per capita* por setores censitários

Fonte: Jacob, Hees, Waniez, 2014 (adaptado).

Bem próximo ao núcleo é possível perceber a presença de uma classe média alta (C6) e em seu entorno algumas faixas de rendimento C5 e C4 (média e baixa). É buscando esse novo público consumidor que novos empreendimentos imobiliários chegam à cidade, rompendo com o padrão histórico de ocupação baseado em loteamentos populares, uma oferta de residência de elevado padrão surge e reconfigura a paisagem da periferia.

Em um levantamento inicial⁹, encontramos ofertas de residências de padrão médio a elevado em uma das áreas mais valorizadas da cidade, próximo ao centro, com o preço do metro quadrado a aproximadamente a 3.139 mil reais. Para efeito de comparação o centro de Nova Iguaçu está com o metro quadrado custando em média 5.687 reais.

Nas imagens a seguir (fotos tiradas em um trabalho de campo realizado no dia 28 de novembro de 2015), podemos observar uma propaganda destes novos empreendimentos anunciando as “últimas unidades” e também a fachada residencial deste novo “padrão de residências” que surge para suprir uma demanda desta “nova classe média”:

⁹ Site de busca Zap Imóveis – disponível em www.zapimoveis.com.br, busca realizada no dia 01, dez. 2015.



Figuras 2 e 3: Novos empreendimentos imobiliários

Fonte: Acervo do autor, 2015

Estes novos empreendimentos imobiliários surgem para suprir uma demanda mais qualificada por moradia. A periferia dos loteamentos populares e da autoconstrução assiste à chegada de imóveis residenciais com quartos de empregadas, suítes e três ou quatro quartos, compondo um padrão bem diferente do de grande parte da cidade.

Outro elemento que expressa a mudança na estrutura urbana local é a “requalificação” do centro comercial. Uma obra em andamento, que já teve a primeira etapa concluída e recebeu recursos do Banco Mundial, foi fruto da capacidade “empreendedora” do atual prefeito, e mobilizou muitos esforços e recursos da prefeitura. Um centro comercial suntuoso e um calçadão arborizado compõem uma paisagem que serve de “propaganda” para o novo momento da cidade. É perceptível a “tentativa de promover a imagem da cidade através do culto ao urbanismo de espetáculo” (Harvey, 2010, p. 96).

Essa diferença entre o novo centro requalificado e que atrai empreendimentos comerciais e imobiliários de médio e alto padrão e o restante do município ainda carente de infraestrutura e concentrando grande parte dos estratos de renda de classe baixa (C1, C2 e C3) nos convida a refletir sobre a cidade que emerge deste processo de reestruturação. Araújo (2011, p. 5), ao analisar as práticas urbanas

empreendedoras, define que neste modelo de cidade “o importante mesmo é vender a beleza das áreas que rendem lucros e manter as áreas territoriais desprivilegiadas na maior passividade possível, de preferência escondidas” (ARAÚJO, 2011, p. 5).

Soja (1988, pp. 193,194) define a reestruturação como um processo conflituoso, uma disputa entre o “velho e o novo”, uma “intensificação de lutas competitivas pelo controle das forças que configuram a vida material”. Sposito (2004) também reitera essa característica conflituosa do processo de estruturação e desestruturação do espaço urbano.

O surgimento destes novos “espaços de consumo” elitizados suprimiu, por exemplo, o espaço destinado aos camelôs e “comerciantes informais” e a prefeitura já informou¹⁰ que, na segunda etapa da reforma, os restantes que ainda estão presentes no centro da cidade serão alojados em outras localidades mais distantes. Ou seja, o “desenvolvimento” não se faz sem conflitos e sem ferir interesses daqueles que não fazem parte do “projeto modernizador”.

Nota-se, portanto, um dos traços fundamentais da reestruturação urbana: a complexificação da estrutura urbana, que gera “o aparecimento de ‘periferias’ no centro e ‘centralidade na periferia’” (SPOSITO, 2004, p. 305). O resultado desta “renovação urbana” pode ser conferido a seguir nas fotos (Figuras 6, 7, 8 e 9) tiradas no centro da cidade.

¹⁰ *Comerciantes informais de Queimados podem ganhar novos pontos de trabalho*. [Rio de Janeiro, 2013] Disponível em: <http://www.queimados.rj.gov.br/noticias_publicacao.asp?idArea=5&idn=496> acesso em fev. 2014. - “O Prefeito de Queimados, Max Lemos, recebeu a direção da Supervia para iniciar os estudos de remodelação da Estação Ferroviária do Município, visando colocar o comércio informal da cidade nos espaços da empresa responsável pelos trens urbanos do Estado do Rio de Janeiro.(...) De acordo com o diretor da Supervia, Luiz de Souza, a empresa está elaborando um estudo para remodelação da Estação Ferroviária de Queimados.



Figura 4. Fachada do Centro comercial e calçadão após “requalificação”



Figura 5. Fachada do Centro comercial e calçadão após “requalificação”

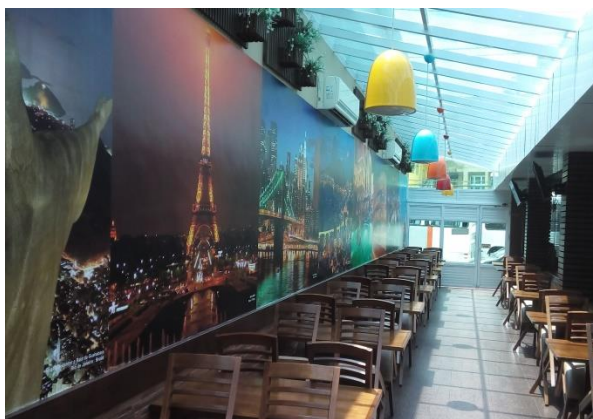


Figura 6. Novos espaços de consumo: “Restaurante temático”

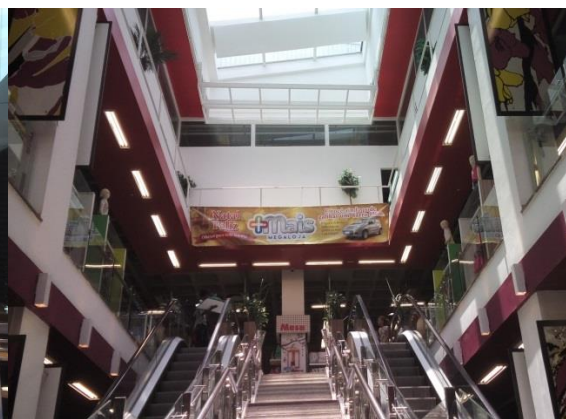


Figura 7 - Novos espaços de consumo: ‘Megastore’

Fonte: Acervo do Autor, 2015

Estes novos espaços são a materialização da “periferia que virou centro” (Lago, 2007) e evidenciam as mudanças significativas ocorridas em Queimados e, consequentemente, na Baixada Fluminense nos últimos anos. Todas estas transformações nos indicam o encerramento de categorias como “cidades dormitórios” e de termos como “periferia marginalizada”, e emergem outros sentidos para a região, que paulatinamente se transforma no eixo de desenvolvimento econômico e industrial do estado do Rio de Janeiro, produzindo novos espaços mais

heterogêneos e complexificando nosso entendimento da categoria periferia, exigindo um intenso esforço teórico e empírico para dar conta desta nova realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da década de 1990 a confluência de vários fatores reestrutura significativamente a região da Baixada Fluminense, este período é um momento de várias transformações, dentre as quais podemos enumerar:

1) A chegada de investimentos industriais na periferia metropolitana, sendo que a expansão industrial para a Baixada “redefine o papel de cidades anteriormente secundárias” (OLIVEIRA, 2009, p. 9).

2) Uma ruptura na estrutura social homogênea, geralmente ligada à formação da periferia, observamos em algumas cidades, (processo mais consolidado em Nova Iguaçu). Uma consolidação de um núcleo elitizado e a formação de uma “classe média” com um maior poder aquisitivo, além da formação de centralidades para além da capital carioca, já que novos espaços de consumo “mais qualificados” surgem nestes espaços.

Estas transformações nos conduzem a algumas questões essenciais, como, por exemplo, até onde a antiga explicação baseada na relação centro-periferia composta por um “núcleo metropolitano hipertrofiado” (ABREU, 2013) e uma periferia carente de infraestrutura pode ser utilizada para explicar a realidade? Será que estamos diante de uma transformação estrutural nesta relação entre metrópole e seu entorno, ou a categoria periferia é apenas ressignificada?

Nossa hipótese é a de que ainda que esta incipiente “descentralização industrial” crie algumas subcentralidades, altere o papel de alguns municípios na divisão territorial do trabalho e crie uma “classe média” com poder de consumo mais elevado, não rompe estruturalmente com o modelo centralizado da metrópole fluminense, afinal por mais que o PIB Industrial do município do Rio de Janeiro – que em 1999 era responsável por 42,8% do PIB industrial fluminense, e ter este número reduzido para 19,63% em 2011 (CEPERJ, 2013) –, a capital ainda continua sendo um

centro financeiro e de gestão onde, por exemplo, no ano de 2012, 80% das aplicações de crédito de todo o estado foram realizados na cidade do Rio de Janeiro; e também 78% dos depósitos à vista do setor privado; além de possuir 1171 agências bancárias de um total de 1966 do estado do Rio de Janeiro. (Ibid).

Dessa forma, a perda de unidades fabris não representa uma alteração hierárquica na relação centro-periferia, mas, na verdade, uma transformação oriunda da reestruturação produtiva que tem como característica fundamental a “distinção entre o peri-produtivo à montante e à jusante”, e a “oposição entre a indústria dos espaços metropolitanos e aquela das regiões periféricas” (Fischer, 2009). Ou seja, a separação entre gestão e produção, esta “fragmentação dos processos de trabalho” (Chesnais, 1996) permite que as empresas possam usufruir das vantagens de permanecerem em uma concentração metropolitana, ao mesmo tempo em que se utilizam dos grandes terrenos e da mão de obra barata das regiões periféricas.

Diferentes escalas e distintos processos interagem mutuamente, portanto, remodelando a geografia da cidade de Queimados e da Baixada Fluminense. A década de 1990 marca uma transição significativa, onde os investimentos industriais transformam o papel desta cidade recém-emancipada na divisão territorial do trabalho metropolitano, e transformam a estrutura urbana da cidade, que se adequa a este novo momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora IPP, 2013.

ARAÚJO, Flávia. Empresariamento Urbano: concepção, estratégias e críticas. In: *Anais do I circuito de debates acadêmicos*. IPEA. [Rio de Janeiro, 2011]. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area7/area7-artigo7.pdf>> Acesso em fev. 2016.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, 2ª ed. Editora Escala, s/a.

CASTELLS, Manuel. O debate sobre a teoria do espaço (cap. 3) In: *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, pp. 145 a 294.

CEPERJ. *Anuario Estatístico Fluminense 2013*. Disponível em: <www.fundacaoceperj.br> Acesso em ago. 2016.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

CORREA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1989.

_____. Uma experiência de colonização na Baixada Fluminense. In: *Boletim Carioca de Geografia*. Ano XV – 1962.

ENNE, Ana Lúcia. A “redescoberta” da Baixada Fluminense: Reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico In: *Pragmatizes*. Ano 3 nº 4, pp. 6-27. Rio de Janeiro, março de 2013. Disponível em: < <http://www.pragmatizes.uff.br>>. Acesso em out. 2016.

FISCHER, André. *Indústria, ordenamento do território e transportes*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FURLANETTO *et al.* Promoção imobiliária e espaço residencial da classe média na periferia metropolitana do Rio de Janeiro. In: *Revista Brasileira de Geografia*, nº 49 v. 2, 1987.

HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. *Revista Espaço e Debates*, nº 39, 1996, pp. 48-64.

HENRIQUE, Nilson, COSTA, Claudia Patrícia. *Queimados: Imagens de uma cidade em construção*. 1ª Ed. Queimados: Asamih, 2014.

GEIGER, Pedro Pinchas; SANTOS, Lyra Santos. Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XVI. Nº3 – julho-setembro. 1954.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 10 fev. 2014.

JACOB, César Romero; HEES, Dora Rodrigues; WANIEZ Philippe. Atlas das condições de vida na Região metropolitana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014.

LAGO, Luciana Corrêa. A "periferia" metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena. In: *Cadernos IPPUR/UFRJ/Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Ano XXI, nº 2, pp. 9-28, ago-dez 2007.

MARICATO, Ermínia. Conhecer para resolver a cidade ilegal. Disponível em: http://www.usp.br/fau/depprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_conhecercidadeilegal.pdf >, s/a. Acesso em fev. 2016.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Perfil econômico dos municípios*. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php>. Acesso em fev. 2016.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. *Desconcentração industrial e espaço urbano/metropolitano: análise territorial da expansão metropolitana e da formação de novos eixos econômicos produtivo no Rio de Janeiro*. 2009. Apresentado em: XIII encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional. Disponível em <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3288>> acesso em fev. 2016.

OLIVEIRA, Alberto; RODRIGUES, Adrianno, O. Industrialização na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Novos paradigmas para velhos problemas. In: *Semestre Econômico*. Volume 12 nº 24. pp. 127-143, Medellin, Colômbia, outubro de 2009. Disponível em: <http://revistas.udem.edu.co/ojs/index.php/economico/article/view/287/270>. Acesso em ago. 2016.

PAGANOTO, Faber Araújo. *Mobilidade espacial da população e mercado imobiliário na periferia metropolitana: a expansão dos condomínios fechados em nova Iguaçu/RJ*. 184f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências – CCMN, Rio de Janeiro, 2014.

PAGANOTO, Faber; BECKER, Olga Maria. A emergência de novas centralidades na periferia da região metropolitana do rio de janeiro e a reorganização dos deslocamentos espaciais da população. In: *Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos*

Populacionais, ABEP. Águas de Lindóia/SP, 2012. Disponível em: < [http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER\[116\]ABEP2012.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER[116]ABEP2012.pdf)>. Acesso em ago. 2016.

PEREIRA, Regina, Celi. Estado, território e reestruturação produtiva na metrópole fluminense. In: *Espaço e Economia*. Volume: 3, Ano 2, Número 3. Rio de Janeiro, dezembro de 2013. Disponível em: < <http://espacoeconomia.revues.org/390>> acesso em set. 2016.

PREFEITURA DE QUEIMADOS. *Arquiteto e urbanista visita Queimados para desenvolver projeto de requalificação do centro do município* [Rio de Janeiro, 2014] Disponível em: < <http://www.queimados.rj.gov.br/print.asp?id=1075>> Acesso em ago. 2016.

ROCHA, André Santos; OLIVEIRA, Leandro Dias. As novas dinâmicas produtivas em curso na Baixada Fluminense: breves apontamentos sobre uma nova geografia da Indústria. In: *Revista Pilares da História*. Ano11, edição especial, pp. 7-13, maio de 2010.

_____. Desenvolvimento, reestruturação produtiva e economia espacial: o processo de reordenamento Territorial no oeste metropolitano fluminense. Apresentado em: XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Urbana. Disponível em: Anais... UERJ, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Adriana Carvalho. A leitura urbana de Lima Barreto em Clara dos Anjos. In: *Espaço e cultura*. UERJ, Rio de Janeiro, n. 25, pp. 7-16, jan./jun. de 2009.

SILVA, Robson Dias. *Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2012.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *A cidade Estilhaçada – Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense*. 2006. 290f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense, 2006.

_____. *Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2011.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Reestruturação das cidades (cap. 5). In: *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades*. Presidente Prudente: UNESP/FCT, 2004 [tese de livre docência], pp. 261-319.

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Recebido em 03 de dezembro de 2016.

Aceito em 16 de dezembro de 2016.